

CAPÍTULO UM

Zach Sullivan olhou contrariado para a bola de pelos que estava mastigando seu cadarço.

— De jeito nenhum! — Ele moveu o pé para tentar se livrar daquela criaturinha. Mesmo assim, embora ela fosse minúscula, a infeliz até que era insistente. Ele grunhiu um pouco e ela balançou o rabo enquanto renovava o ataque contra o sapato. Seu sapato novo.

— Sophie adora cães. Pergunte a ela.

Ele ergueu os olhos e viu o sorrisinho de Gabe. Bem, fazia muito tempo desde que dera uma lição no irmão mais novo por rir dele daquele modo.

— Sophie já tem muitas coisas com que se preocupar no momento, como a gravidez e o casamento com Jake — disse-lhe Gabe. — Chloe e Chase estão para ter o bebê a qualquer momento. Marcus e Nicole estão sempre viajando. Ryan praticamente mora no estádio de beisebol, agora que a temporada dos jogos começou. E eu não confiaria em Lori para cuidar de um cachorro, mesmo se ela fosse a última pessoa na face da Terra. Pode acreditar em mim, você estava no final da minha lista de pessoas que poderiam cuidar

da cadela enquanto estamos de férias, mas Summer insistiu que você *precisava* ficar com Ternurinha.

Zach quase vomitou.

— Ternurinha?

— Foi o nome que Summer escolheu para ela.

Os dois olharam para a cadela.

— Acho que o nome combina bem.

Gabe era incrivelmente protetor em relação a Summer, a filha de sua noiva, Megan. Zach sabia que zombar do nome daquela cadela seria uma má ideia, mesmo que fosse o pior nome possível para um cão.

— Veja bem — insistiu Gabe. — Summer está convencida de que você é a pessoa perfeita para cuidar desse filhote. Por alguma razão que nenhum de nós conseguiu descobrir, ela acha que você não pode fazer nada de ruim. Não a decepcione, Zach.

4

Zach sempre considerara Summer uma excelente pessoa, mesmo que ela tivesse apenas 7 anos. Até agora, quando estava tentando lhe empurrar uma cadela que ele não queria, durante duas semanas. Especialmente porque nenhum filhote de cão poderia se encaixar em sua vida, nem mesmo durante dois dias.

Sua rotina diária — e noturna — girava em torno de carros velozes e mulheres bonitas. Que diabos ele iria fazer com uma cadela?

Balançando a cabeça negativamente, Zach disse:

— Você realmente perdeu o controle, Gabe, deixando duas mulheres mandarem na sua vida.

Zach ainda estava surpreso com a mudança que tinha ocorrido com seu irmão — não somente em relação a Megan, mas também em relação à filha dela. E não fora somente Gabe a cair no poço sem fundo do “verdadeiro amor”. Chase, Marcus e Sophie também despencaram por ele.

A mãe de ambos ficara empolgadíssima, sabendo que havia bebês e mais casamentos a caminho envolvendo os Sullivans. Zach estava feliz por ela estar feliz. Desde que não alimentasse qualquer esperança de que ele viesse a se apaixonar.

Porque isso *nunca* iria acontecer.

Mas Gabe, com certeza, não se importava se havia perdido o controle, ou com o fato de que nunca mais conseguiria cantar uma garota desconhecida em um bar para fazer sexo quente e intenso. Especialmente porque parecia estar muito feliz com essa situação, a ponto de lhe causar asco.

— Não estou pedindo para você vestir a cadela com roupinhas cheias de babados ou passar o dia inteiro rolando na grama com ela. Só preciso que a mantenha alimentada, limpa e saia para passear com ela enquanto estivermos viajando. E então? Você vai topa, ou terei que contar a verdade para Summer, dizer a ela que estava errada ao pensar que você tinha um bom coração?

5

Como se quisesse enfatizar a pergunta de Gabe, Ternurinha finalmente largou o cadarço de Zach e olhou para ele com os enormes olhos castanhos, a pequena língua cor-de-rosa lambendo os bigodes como se acabasse de degustar uma refeição verdadeiramente saborosa.

Caramba, ele sempre fora vulnerável ao olhar de cão sem dono!

Não ficou feliz com a situação, mas imaginou que poderia suportar aquilo por duas semanas enquanto Gabe, Megan e Summer viajavam pela Europa para ver castelos, princesas e qualquer outra coisa sobre a qual Summer comentara, sem parar, durante o almoço do domingo anterior.

A reputação de mulherengo de Zach era merecida, e era exatamente assim que ele queria que fosse: nada de envolvimento profundos com os quais teria de se preocupar no futuro, nenhuma

mulher que ele tivesse que decepcionar ou deixar para trás algum dia. Mas, com sua família, as coisas eram diferentes. Seus irmãos significavam tudo para ele.

— Tudo bem — acabou concordando, fazendo uma careta para a cadela. — Eu fico com ela. Aliás, qual é a raça?

Seu irmão sorriu, sem se preocupar em esconder um prazer maligno por Zach ter aceitado.

— Uma yorkshire terrier. Evidentemente, é uma das grandes.

— Grande? — Zach se curvou, segurou-a com dois dedos na região atrás do pescoço e levantou-a, antes de colocá-la novamente no chão ao lado do seu sapato. — Duvido que pese mais do que um quilo.

— Quase um quilo e meio — disse Gabe e depois foi até a porta do escritório de Zach e voltou com uma enorme caixa de papelão. — Aqui estão as coisas dela.

6

Zach sabia qual era a finalidade das vasilhas e da comida, mas todo o resto parecia ter sido tirado de uma caixa de brinquedos de uma sala da pré-escola.

— Por que uma cadela de um quilo e meio precisa de tanta coisa durante duas semanas?

Ele tinha uma sensação ruim em relação a tudo aquilo, prevendo que 14 dias poderiam facilmente se transformar em um período muito mais longo se ele não tomasse cuidado.

Gabe deu de ombros.

— Estamos com ela há somente dois ou três dias, e Summer é quem está cuidando dela por enquanto. O momento realmente não é oportuno para deixá-la, mas eu sei que Megan irá lhe agradecer muito pela ajuda que está nos dando.

Irritava-lhe o fato de que todos já tinham certeza de que ele aceitaria cuidar da cadela mesmo antes de ser consultado a respeito, mas

não tanto quanto naquele exato momento, quando Ternurinha decidiu se agachar sobre o bico do seu sapato e esvaziar a bexiga.

Uma bexiga surpreendentemente cheia.

— É melhor você voltar para pegá-la em duas semanas — avisou Zach, em voz baixa. — Ou ela irá direto para o canil da prefeitura.

A risada de Gabe ressoou pelo ambiente antes que, inteligentemente, ele saísse correndo em direção ao seu carro.



Heather Linsey estava encerrando a aula com os alunos da sua sala de certificação em nível preliminar para treinadores de cães quando seu celular tocou. Ela o pegou, mas, quando viu o nome que apareceu no aparelho, enfiou-o rapidamente de volta no bolso.

— Eu posso dar as informações aos alunos sobre as próximas aulas, se você precisar atender — disse Tina, sua assistente.

Heather forçou-se a sorrir.

— Não se preocupe.

Mas seu cérebro não estava totalmente focado nos alunos quando ela os parabenizou pelo esforço no curso e disse-lhes que estaria à disposição para ajudá-los com o que precisassem quando estivessem montando seus próprios negócios. Depois de terminar com um lembrete sobre o evento de caridade Bark in the Park, que aconteceria no estádio de beisebol na sexta-feira seguinte, e sobre o leilão beneficente na noite de sábado, ela voltou ao seu escritório, seguida por Atlas, seu dogue alemão.

Heather fechou a porta antes de pegar outra vez o telefone e colocá-lo sobre a escrivaninha. Sentiu vontade de simplesmente apagar aquela mensagem, mas, devido a experiências anteriores, sabia que seria melhor descobrir o que seu pai queria.

“Querida, eu esperava poder falar com você, em vez de deixar recado na sua caixa postal”, começou ele, e Heather ficou impressionada com a força com que ele demonstrava seu sentimento de negação. Será que não percebia que ela não atendia às suas ligações há vários anos? Heather esfregou as mãos nos braços enquanto ele prosseguia: “Vou viajar a São Francisco a negócios na semana que vem e estou pensando em levar sua mãe comigo. Faz muito tempo desde que vimos nossa filha pela última vez e nós dois estamos com saudade”.

8 A pele nos braços de Heather começou a se eriçar e depois a arder, acompanhando as cicatrizes entrelaçadas que lhe subiam dos pulsos até acima dos cotovelos, circundando seus braços como um todo. Quase dez anos depois, as cicatrizes eram sutis o suficiente para que ela não precisasse usar blusas de manga comprida o tempo inteiro para escondê-las. Mas, embora os cortes houvessem sarado no decorrer dos anos, ela sempre sentia resquícios daquela dor quando precisava lidar com o pai. Quase como se voltasse a ter 17 anos outra vez, trancando-se em seu quarto para tentar lidar com as emoções fora do controle. Para tal, fazia pequenos cortes na pele com uma lâmina de barbear e observava o sangramento.

Ao ouvir a voz do pai de Heather, Atlas não foi deitar em sua enorme almofada, que ficava no canto do escritório. Em vez disso, permaneceu ao lado dela e colocou a enorme cabeça sobre o seu colo. Heather parou de esfregar os braços e passou a lhe acariciar a cabeça.

“Me informe sobre a sua programação para que possamos planejar alguma coisa em família. Sua mãe manda beijos.”

A mensagem terminou e ela olhou fixamente para o telefone em sua escrivaninha, com a mão deslizando sobre a pelagem curta e macia de Atlas. Não conseguia acreditar que ainda estavam naquele

jogo em que seu pai tentava agir como se tudo estivesse normal e eles tivessem um relacionamento perfeito. Principalmente quando ele sabia que ela *também sabia* que nada era perfeito, que o casamento “perfeito” dele com sua mãe e o relacionamento “carinhoso” com a filha não passavam de uma grande e estúpida mentira.

Ela ouviu uma batida na porta que a arrancou dos pensamentos sombrios.

— Entre.

Agnes Mackelroy, uma bela mulher de meia-idade de quem Heather gostava muito, enfiou a cabeça pelo vão da porta.

— Bom dia, Heather. Gostaria de conversar com você por alguns minutos. — Apesar do sorriso de Heather, a mulher pareceu sentir que havia algo errado. — Está tudo bem?

Heather assentiu rapidamente.

— É sempre ótimo ver você.

Era verdade. Ela sempre ficava muito feliz ao ver Agnes e seu cão, Joey, especialmente se aquilo significasse que ela não teria mais que pensar em seu pai.

Agnes havia sido uma das primeiras clientes de Heather na Top Dog, quando a tinta ainda estava secando nos cartões de visita da empresa. Durante os últimos anos, ela fizera dúzias de recomendações à sua família e amigos para que Heather trabalhasse com seus cães.

Heather se ajoelhou para dizer olá ao chow chow de Agnes.

— Olhe só para você, com esse joelho novo — disse ela, coçando o queixo do cão exatamente onde ele mais gostava. Atlas não demorou a afastá-la para dizer olá também. — Pelo que estou vendo, ele está se recuperando bem da cirurgia — disse ela a Agnes.

— Maravilhosamente! Já voltou a ser o velho Joey de sempre, cavando buracos no meu jardim pela manhã, ao meio-dia e à noite.

Heather teve que rir daquele comentário, embora tivesse trabalhado duro com Agnes e Joey para tentar eliminar esse comportamento do cão durante o ano anterior.

— Quer que eu vá até a sua casa para ver se podemos fazer com que ele celebre de alguma maneira diferente?

— Não, estou perfeitamente feliz em deixar que Joey se divirta. Eu não me importava tanto assim com as cores das begônias — disse Agnes, com um gesto dramático. — Na verdade, vim aqui por causa de um grande amigo que está cuidando de um filhote.

— Bem, você me procurou na hora certa. Acabei de concluir o curso de treinamento para um grupo e tenho vários novos treinadores que adorariam poder ter suas primeiras experiências na área. Quer que eu lhe passe os telefones de alguns deles?

10 — Eu esperava que você estivesse disponível para ajudá-lo pessoalmente — protestou Agnes.

A empresa de Heather e sua equipe de funcionários especializados em treinar cães cresceram tanto durante os últimos três anos que ela passava a maior parte do tempo administrando o negócio. Embora ainda adorasse poder sair do seu escritório para brincar com os cães que entravam e saíam do seu *campus* de treinamento, ela agora raramente atendia pessoalmente a clientes individuais. Mas não conseguiu dizer não a Agnes, que fora responsável por muito do seu sucesso inicial.

Reorganizando mentalmente a sua movimentada agenda, Heather indagou:

— Qual é o nome do seu amigo?

— O nome dele é Zach — disse Agnes.

Alguma coisa parecida com um arrepio desceu pela espinha de Heather ao perceber o tom quase de admiração na voz da mulher. Ainda assim, sabia que Agnes tinha um casamento feliz.

— E eu sei o quanto ele ficaria grato se você pudesse conversar com ele ainda hoje de manhã, na oficina onde trabalha. Receio que a pobre yorkshire esteja deixando o homem louco.

Heather anotou o endereço da Sullivan Autos e abraçou Agnes e seu cão quando se despediram.

Ela imaginava que o chefe de um mecânico não ficaria muito feliz em ter um filhote ensandecido correndo pelo interior de uma oficina. Sem mencionar que, definitivamente, esse não era o ambiente mais adequado para um cão sem treinamento.

— Pronto para ir brincar com um filhote?

As orelhas de Atlas se empinaram quando o cão ouviu sua palavra favorita. Heather sempre achou incrível o quanto o seu dogue alemão de 80 quilos adorava brincar com filhotes, mesmo que eles tivessem a tendência de mordê-lo com dentes que ainda estavam nascendo e de usar as unhas afiadas para subir em suas costas largas, sem qualquer preocupação com a própria segurança.

Ela suspeitava que a razão estaria relacionada com o fato de, ainda no início da vida, o próprio Atlas não ter sido tão descuidado. Mas ele obviamente adorava estar às voltas com o caos indomado que era um filhote.

O dia estava quente e ela amarrou seus longos cabelos em um rabo de cavalo enquanto pegava a bolsa de treinamento e ia em direção ao seu carro. Atlas saltou para o banco traseiro, enfiando imediatamente a cabeça pela janela aberta, já esperando poder sentir o vento em seu pelo, com a língua balançando para fora da boca.

Dez minutos depois, Heather estacionou em frente à Sullivan Autos e colocou a coleira em Atlas. Ela viu meia dúzia de homens na oficina e, embora seu cão fosse muito mais comportado perto de homens agora do que quando o levara para casa pela primeira vez,

há quatro anos, ela se preocupou com a possibilidade de que estar perto de vários homens grandes no mesmo lugar poderia ser demais para ele. Não ficou surpresa quando o dogue alemão se manteve próximo a ela. A rigidez da postura das suas orelhas e do rabo eram um sinal claro de que Atlas não estava completamente relaxado.

— Está tudo bem — disse ela, acalmando-o, acariciando-o gentilmente entre as orelhas. — Vamos somente brincar com um filhote, lembra-se? — A língua do cão saiu pela boca ao ouvir aquela boa notícia, e ela sorriu ao lhe garantir: — Isso mesmo, não temos nada com que nos preocu...

— *Onde está aquele cão desgraçado?* — um grito soou nesse momento.